

ALEMANHA CRIA PATRIMÔNIO NA UCRÂNIA OCIDENTAL

Por M. K. Bhadrakumar*



O chanceler alemão Olaf Scholz se encontrou com o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, à margem da cúpula da OTAN em Vilnius, Lituânia, 12 de julho de 2023 (Odd Andersen/AFP via Getty Images).

Fundamentalmente, a motivação da Alemanha para oferecer um novo pacote de armas à Kiev remonta à sua derrota esmagadora pelo Exército Vermelho e tem pouco a ver com a Ucrânia como tal.

A hipótese de que o eixo anglo-saxão é fundamental para a guerra por procuração na Ucrânia contra a Rússia é apenas parcialmente verdadeira. A Alemanha é, na verdade, o segundo maior fornecedor de armas da Ucrânia, depois dos Estados Unidos. O chanceler Olaf Scholz [prometeu um novo pacote de armas](#) no valor de 700 milhões de euros, incluindo tanques adicionais, munições e sistemas de defesa aérea Patriot na cúpula da OTAN em Vilnius, colocando Berlim, como ele disse, na vanguarda do apoio militar à Ucrânia.

O ministro da Defesa alemão, Boris Pistorius, enfatizou: “Ao fazer isso, estamos dando uma contribuição significativa para fortalecer o poder de permanência da Ucrânia.” No entanto, a pantomima pode ter vários motivos.

Fundamentalmente, a motivação da Alemanha remonta à derrota esmagadora pelo Exército Vermelho e tem pouco a ver com a Ucrânia como tal. A crise na Ucrânia forneceu o contexto para acelerar a militarização da Alemanha. Enquanto isso, sentimentos revanchistas estão surgindo e há um “consenso bipartidário” entre os principais partidos de centro da Alemanha – CDU, SPD e Partido Verde – a esse respeito.

Em uma [entrevista](#) no fim de semana, o principal especialista estrangeiro e de defesa da CDU, Roderich Kiesewetter (um ex-coronel que chefiou a Associação de Reservistas do Bundeswehr de 2011 a 2016) sugeriu que, se as condições o justificarem na situação da Ucrânia, a OTAN deveria considerar “cortar Kaliningrado das linhas de abastecimento russas. Veremos como Putin reage quando está sob pressão”. Berlim ainda sofre com a rendição da antiga cidade prussiana de Königsberg em abril de 1945.

Stalin ordenou que 1,5 milhão de soldados soviéticos, apoiados por vários milhares de tanques e aeronaves, atacassem as divisões Panzer nazistas profundamente entrincheiradas em Königsberg. A captura da fortaleza grandemente fortificada de Königsberg pelo exército soviético foi celebrada em Moscou com uma salva de artilharia de 324 canhões disparando 24 projéteis cada.

Evidentemente, as observações de Kiesewetter mostram que nada é esquecido ou perdoado em Berlim, mesmo depois de oito décadas. Assim, a Alemanha é o aliado mais próximo do governo Biden na guerra contra a Rússia. O governo alemão declarou seu entendimento pela controversa decisão do governo Biden de fornecer munições *cluster* à Ucrânia. O porta-voz do governo comentou em Berlim: “Temos certeza de que nossos amigos americanos não tomaram a decisão levemente de entregar esse tipo de munição”.

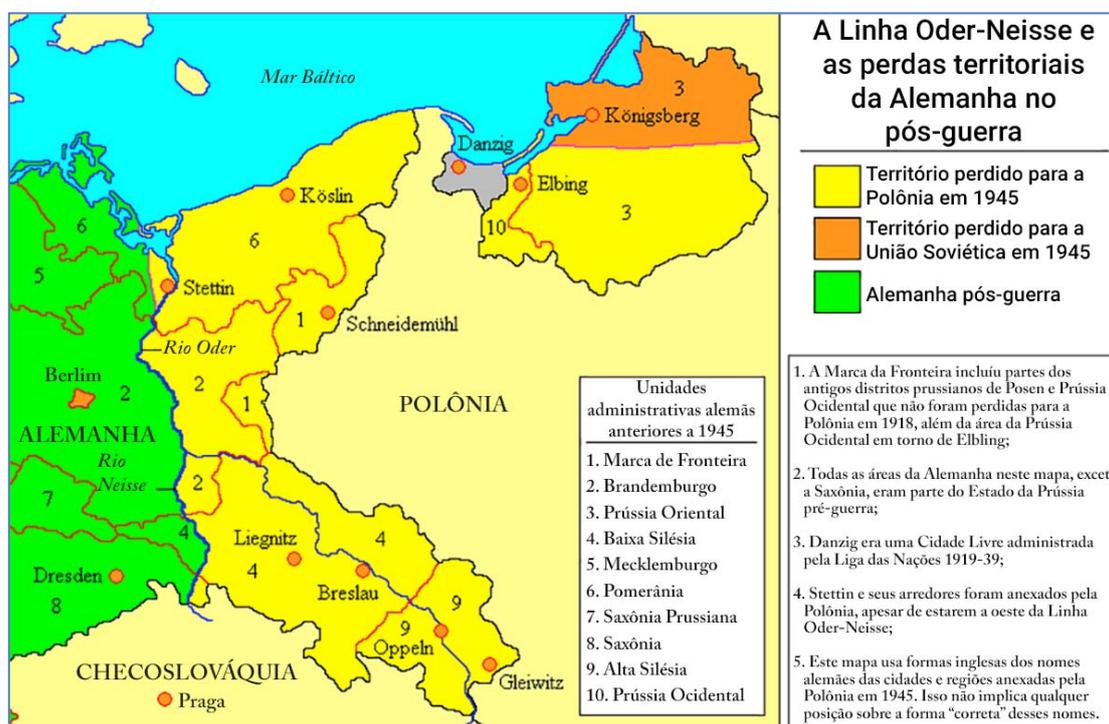
O presidente Frank-Walter Steinmeier observou: “Na situação atual, não se deve obstruir os EUA”. De fato, a principal figura da CDU, Kiesewetter, sugeriu em uma entrevista ao diário “*taz*”, afiliado ao Partido Verde, que não apenas a Ucrânia deveria receber “garantias e, se necessário, até assistência nuclear, como um passo intermediário para a adesão à OTAN”.

Coincidindo com a cúpula da OTAN em Vilnius (11 a 12 de julho), a Rheinmetall, a grande empresa alemã de fabricação de armas de 135 anos, divulgou que está abrindo uma fábrica de veículos blindados no oeste da Ucrânia em um local não revelado nas próximas doze semanas. Para começar, veículos blindados alemães Fuchs serão construídos e consertados enquanto há planos em andamento para fabricar munição e possivelmente até sistemas de defesa aérea e tanques.

O [CEO da Rheinmetall disse à CNN](#) na segunda-feira que, como outras fábricas de armas ucranianas, a nova fábrica poderia ser protegida de ataques aéreos russos. A Alemanha mais do que dobrou a alocação de € 2 bilhões para 2022 para atualizar as forças armadas da Ucrânia. Agora atinge cerca de € 5,4 bilhões, com planos adicionais de aumentar para € 10,5 bilhões.

Agora, tudo isso é sobre a Rússia? A Alemanha não pode ignorar que a Ucrânia simplesmente não tem esperança de derrotar a Rússia militarmente. A Alemanha está jogando um jogo longo. Está criando patrimônio no oeste da Ucrânia, onde não é a Rússia, mas a Polônia, a sua adversária. Desde que o exército czarista avançou para a Galícia em 1914, a Rússia teve uma história difícil com os nacionalistas ucranianos. Se a atual guerra na Ucrânia se espalhar para o oeste da Ucrânia, isso pode não ser por uma escolha da Rússia, mas por alguma necessidade imposta a ela.

A vitória soviética na Ucrânia em outubro de 1944, a ocupação da Europa Oriental pelo Exército Vermelho e a diplomacia aliada resultaram em um redesenho das fronteiras ocidentais da Polônia com a Alemanha e da Ucrânia com a Polônia. Simplificando, com a compensação dos territórios alemães no oeste, a Polônia concordou com a cessão da Volhynia e da Galícia no oeste da Ucrânia; uma troca mútua de população criou pela primeira vez em séculos uma clara fronteira étnica, bem como política, polaco-ucraniana.



Linha Oder-Neisse e perdas territoriais da Alemanha no final da Segunda Guerra Mundial (Wikimedia Commons CC BY-SA 3.0) (Tradução Velho General).

É inteiramente concebível que a guerra em curso na Ucrânia mude radicalmente as fronteiras territoriais da Ucrânia no leste e no sul. Possivelmente, também pode reabrir o acordo pós-Segunda Guerra Mundial em relação ao oeste da Ucrânia. A Rússia alertou repetidamente que a Polónia pretende reverter a cessão da Volhynia e da Galícia no oeste da Ucrânia. Tal reviravolta certamente trará à tona a questão dos territórios alemães que hoje fazem parte da Polónia.

Talvez, em antecipação à turbulência que viria, em outubro passado, oito meses após o início da intervenção russa em fevereiro, Varsóvia exigiu de Berlim [reparações pela Segunda Guerra Mundial](#) – uma questão que a Alemanha diz ter sido resolvida em 1990 – no valor de € 1,3 trilhão.

Sob a [Conferência de Potsdam](#) (1945), os “antigos territórios orientais da Alemanha”, compreendendo quase um quarto (23,8%) da República de Weimar com a maioria cedida à Polónia. O restante, consistindo no norte da Prússia Oriental, incluindo a cidade alemã de Königsberg (rebatizada de Kaliningrado), foi alocado para a União Soviética.

Não se engane sobre a importância da fronteira oriental para a cultura e a política alemãs. De fato, há sempre algo de volátil em uma Grande Potência “deficiente” quando toda uma nova intensidade aparece em circunstâncias políticas, econômicas e históricas, que levam os que estão no poder a transformar ideias em realidade, e discursos revanchistas e imperialistas que fluíam silenciosamente, mas constantemente abaixo da superfície dos esforços diplomáticos cuidadosamente considerados começam a sondar a expansão pan-nacionalista.

Em retrospecto, o papel diabólico da Alemanha – em particular do então ministro das Relações Exteriores e atual presidente Steinmeier – para alinhar a Alemanha com os elementos neonazistas durante a mudança de regime em Kiev em 2014 e a subsequente perfídia alemã na implementação do Acordo de Minsk (“Steinmeier fórmula”), como [admitido recentemente em fevereiro](#) pela ex-chanceler Angela Merkel, não deve ser esquecido.

Basta dizer que, mesmo com a Rússia vencendo a guerra na Ucrânia, a preocupação dos formuladores da política externa alemã mais uma vez se volta para a necessidade de redefinir o que era alemão. Assim, a guerra na Ucrânia é apenas um meio para um fim. [Reportagens recentes](#) sugerem que Berlim pode estar se movendo, finalmente, para atender à demanda pendente da Ucrânia por mísseis de cruzeiro Taurus com um alcance superior a 500 km e uma “cabeça de ogiva multifeito” única que pode mudar o jogo na dinâmica de combate no campo de batalha e criar os pré-requisitos para a vitória.

Da mesma forma, os soldados alemães já representam cerca de metade do grupo de batalha da OTAN já presente na Lituânia. O ministro da Defesa, Boris Pistorius, [disse há duas semanas](#), durante uma visita a Vilnius, que a Alemanha está preparando a infraestrutura para basear permanentemente 4.000 soldados (“uma brigada robusta”) na Lituânia, de modo a ser capaz de manter a flexibilidade militar no flanco oriental. A decisão tem o apoio da coalizão governista da Alemanha e de sua principal oposição.

O especialista em política externa da CDU e membro do Bundestag, Kiesewetter, chamou a ideia de estabelecer uma base alemã no Báltico de “decisão de razão e confiabilidade”. De fato, houve tentativas anteriores, [historicamente falando](#), de criar um domínio alemão no Báltico com base em reivindicações revisionistas em relação aos novos estados da Estônia, Letônia e Lituânia, onde os colonos alemães se estabeleceram nos séculos XII e XIII.

Publicado no [Indian Punchline](#).

**M. K. Bhadrakumar foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afeganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.*
